Universidade Federal do Pará

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY

@Programa de Pós-graduação em Psicologia

DOI: 10.26823 / e-259896
artigo de ensaio

VOL 18 • 2026

A VIRAGEM (*DIE KEHRE*) DA METALINGUAGEM PARA A LINGUAGEM DO SEER (*SEYN*): A HISTÓRIA DO SEER COMO ACONTECIMENTO APROPRIATIVO (EREIGNIS)

The Turn (Die Kehre) from Metalanguage to Being (Seyn)-Language: The History of Seer as an Appropriative Event (Ereignis)

El giro (Die Kehre) del metalenguaje al lenguaje del Ser (Seyn): la historia del vidente como acontecimiento apropiativo (Ereignis)



Antonio Joel Lima da Silva

Resumo:

Este artigo analisa a *Kehre* no pensamento de Martin Heidegger, compreendendo-a não como ruptura entre um "primeiro" e um "segundo" Heidegger, mas como radicalização contínua da questão do sentido do ser. A partir de Heidegger e de intérpretes como Marco Casanova, Ángel Xolocotzi, Kahlmeyer-Mertens, Laurence Hemming e Schnell, investiga-se o chamado "fracasso" de *Ser e tempo*, atribuído à insuficiência da linguagem metafísica para expressar a verdade do seyn. Argumenta-se que a viragem desloca o ponto de partida da analítica existencial do *Dasein* para o acontecimento apropriativo (*Ereignis*), sem abandonar as conquistas fenomenológicas da obra de 1927. Nesse processo, a linguagem deixa de operar prioritariamente como explicação do ente pelo ente e passa a acolher o ser como acontecimento histórico, temporal e desvelador. Por fim, entende-se que a *Kehre* constitui um novo início do pensar, marcado pela superação da objetificação metafísica, pela compreensão da verdade como *alétheia* e pela unidade entre ser, tempo, linguagem e história
Palavras-chave: Viragem, Acontecimento-apropriativo, Linguagem, Verdade do seer.

Abstract:

This article analyzes the Kehre (Turn) in Martin Heidegger's thought, understanding it not as a rupture between a "first" and a "second" Heidegger, but as a continuous radicalization of the question of the meaning of Being. Drawing on Heidegger and interpreters such as Marco Casanova, Ángel Xolocotzi, Kahlmeyer-Mertens, Laurence Hemming, and Schnell, the study investigates the alleged "failure" of Being and Time, attributed to the inadequacy of metaphysical language to express the truth of Seyn. It is argued that the Turn shifts the starting point from the existential analytic of Dasein to the event of appropriation (*Ereignis*), without abandoning the phenomenological achievements of the 1927 work. In this process, language ceases to operate primarily as an explanation of beings by means of beings and comes to embrace Being as a historical, temporal, and unconcealing event. Finally, the Kehre is understood as constituting a new beginning for thinking, marked by the overcoming of metaphysical objectification, the understanding of truth as alétheia, and the unity of Being, time, language, and history.
Keywords: Turning, Appropriative event, Language, Truth of the seer.

Resumen

Este artículo analiza la Kehre en el pensamiento de Martin Heidegger, entendiéndola no como una ruptura entre un «primer» y un «segundo» Heidegger, sino como una radicalización continua de la cuestión del sentido del ser. A partir de Heidegger y de intérpretes como Marco Casanova, Ángel Xolocotzi, Kahlmeyer-Mertens, Laurence Hemming y Schnell, se investiga el llamado «fracaso» de Ser y tiempo, atribuido a la insuficiencia del lenguaje metafísico para expresar la verdad del Seyn. Se argumenta que el giro desplaza el punto de partida de la analítica existencial del *Dasein* hacia el acontecimiento-apropiador (*Ereignis*), sin abandonar los logros fenomenológicos de la obra de 1927. En este proceso, el lenguaje deja de operar prioritariamente como explicación del ente por

el ente y pasa a acoger el ser como acontecimiento histórico, temporal y desvelador. Por último, se entiende que la *Kehre* constituye un nuevo inicio del pensar, marcado por la superación de la objetivación metafísica, por la comprensión de la verdad como *alétheia* y por la unidad entre ser, tiempo, lenguaje e historia.
Palabras-clave: Giro, Evento-Apropiativo, Lenguaje, Verdad del ser.

Introdução

A interpretação do pensamento de Martin Heidegger costuma ser atravessada pela distinção entre um primeiro momento, associado sobretudo a *Ser e tempo* (1927), e um segundo momento, vinculado ao pensamento histórico do ser, ao *Ereignis* e à chamada *Kehre*. Essa distinção, embora possua valor didático, pode produzir uma compreensão fragmentária do percurso heideggeriano quando transforma a viragem em uma ruptura absoluta entre duas filosofias incompatíveis. O problema central deste artigo consiste, portanto, em compreender o caráter da *Kehre*: trata-se de um abandono da ontologia fundamental ou de uma transformação interna da questão do ser?

A hipótese aqui defendida é que a viragem não representa a substituição completa do pensamento desenvolvido em *Ser e tempo*, mas a radicalização de sua questão fundamental. O próprio Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, relaciona o "fracasso" da obra de 1927 à incapacidade de expressar adequadamente o giro nela já anunciado, devido aos limites da linguagem metafísica. O fracasso, nesse sentido, não deve ser interpretado como simples erro teórico ou como rejeição das análises do *Dasein*. Ele indica, antes, a dificuldade de alcançar uma linguagem capaz de pensar a verdade do seer para além da determinação do ser a partir do ente.

Essa problemática exige distinguir dois modos de linguagem. De um lado, encontra-se a linguagem metafísica, compreendida como uma forma de dizer que explica o ente pelo ente, conserva a centralidade da subjetividade e tende a transformar o mundo, o tempo e a história em objetos disponíveis à representação. De outro, delineia-se a linguagem do *Seyn* (doravante: linguagem do seer[1]), associada ao acontecimento apropriativo (*Ereignis*), à clareira e à verdade como desvelamento. Não se trata da criação de uma nova gramática, mas da abertura de outro âmbito de pensamento, no qual a linguagem deixa de ser mero instrumento de expressão e passa a ser compreendida como a casa do ser.

Para desenvolver essa análise, o artigo dialoga com comentadores que defendem tanto a unidade quanto a ruptura do pensamento heideggeriano. As interpretações de Casanova, Xolocotzi, Kahlmeyer-Mertens e Hemming sustentam a continuidade entre *Ser e tempo* e os escritos posteriores, enquanto outras leituras compreendem a obra de 1927 como improvisação, desvio ou momento a ser superado. O exame desse debate permitirá mostrar que a *Kehre* constitui o ponto nodal do percurso de Heidegger: ela conserva a questão do ser, mas desloca seu ponto de partida, passando da analítica do *Dasein* à história do ser como acontecimento.

[1] Adotaremos neste artigo a tradução de *Seyn* como "seer". Esta é a mesma tradução feita por Marco Casanova ao traduzir do Alemão para o Português a obra *Questões fundamentais da filosofia*, Edição 01, WMF Martins Fontes, de 2017.

2 Do fracasso de *Ser e tempo* à viragem (*Kehre*)

Para Marco Casanova, em seu livro *Compreender Heidegger* (2010), o segundo momento de Heidegger pode ser entendido como uma viragem (*Kehre*) que parte da ontologia fundamental apresentada em *Ser e tempo*, para o pensamento histórico determinado pelo termo *Ereignis* (acontecimento apropriativo). Trata-se de compreender que a *Kehre* (viragem) dá-se a partir do "fracasso" de *Ser e tempo* em fornecer elementos fenomenológicos capazes de pensar a totalidade da questão do sentido do ser em geral, questão à qual a supracitada obra se propõe responder. Sendo assim, para Casanova, quer nas preleções dos anos 20, quer em *Ser e tempo*, impera uma insuficiência interpretativa em relação à compreensão da totalidade do ser por via dos modos de ser do *Dasein* e das crises (angústia e tédio) do ser-aí humano enquanto formas autênticas de singularização. E a seguir veremos que tal insuficiência, para Heidegger, dá-se a partir do abandono do ser e, consequentemente, do afastamento do homem em relação à verdade do seer. Isso fica claro na *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), onde o autor de *Ser e tempo* diz que o fracasso de *Ser e tempo* se deu "[...] porque o pensamento não foi capaz de expressar esse giro com um dizer de suficiente alcance nem tampouco conseguiu superar essa dificuldade com a ajuda da linguagem metafísica." (Heidegger, 1946/2000, p. 34, tradução nossa)

Nesse aspecto, trataremos de analisar brevemente as palavras de Heidegger para entendermos do que se trata o "fracasso" que ele mesmo atribui a *Ser e tempo*, para depois, trazermos alguns intérpretes e comentadores que propuseram outras razões para o dito "fracasso". Assim, portanto, antes de retornarmos à supracitada sentença de Heidegger, analisaremos algumas propostas que pensam a viragem do pensamento de Heidegger tanto como unidade (é o caso de Casanova e o ponto de vista que este artigo busca defender), tanto como um hiato pelo qual *Ser e tempo* é interpretado como um "improviso" ocorrente no *corpus* heideggeriano, e, por isso, digno de abandono.

Estas duas perspectivas, permitem-nos entender que a *Kehre* não é um conceito a mais entre ou demais conceitos hermenêutico-fenomenológicos heideggerianos, ao contrário disso, ela é uma espécie de ponto nodal entre os dois momentos do pensamento heideggeriano. Isso significa, *a fortiori*, que o pensamento gestado nos anos 1927 evoluiu dentro de um mesmo caminho aberto pela questão norteadora da filosofia (a questão do sentido do ser em geral - *Die Frage*) e tornou-se a própria radicalização dessa mesma questão, evidenciada pela passagem da metalinguagem[2] para a linguagem do seer.

Sobre o dito "fracasso" de *Ser e tempo*, Heidegger diz na *Carta sobre o humanismo* que a linguagem que descreve a ek-sistência do Dasein em *Ser e tempo*, ainda está privada da verdade do

[2] Neste artigo, empregamos o termo 'metalinguagem' em sentido interpretativo, não para designar a metalinguagem no sentido técnico da linguística ou da filosofia da linguagem, mas para caracterizar o modo metafísico de dizer no qual o ser é tematizado a partir da determinação do ente." "Trata-se, portanto, de uma denominação analítica adotada para explicitar o contraste que o texto pretende estabelecer entre o dizer metafísico e o dizer correspondente ao pensamento do seer.

seer, sugerindo, nesse aspecto, que tal obra ainda estaria embasada no esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente e, *ipso facto*, fincada no abandono da verdade do seer, promovido pela metafísica (e consumado – segundo Heidegger - pela vontade de potência nietzscheana). Dessa forma, para Heidegger, a reviravolta pretendida na terceira seção de *Ser e tempo*, que inverte *Ser e tempo* para *Tempo e ser*, pode ser entendida como um movimento pelo qual "[...] o pensar ousado alcança a região dimensional a partir da qual *Ser e tempo* foram compreendidos e, na verdade, compreendidos a partir da experiência fundamental do esquecimento do ser." (Heidegger, 1946/2000, p. 30)

Partindo dessa compreensão, a ontologia fundamental possibilita pensar como o ser-aí jogado no mundo superaria o modo decadente de vida para empreender novos projetos de mundo, porém, isso não significa ainda uma compreensão e (muito menos) apreensão da abertura da totalidade do ser – isto é, abertura advinda da verdade do seer enquanto clareira. E esse ponto é importante, pois, permite-nos compreender que a pesar de *Ser e tempo* já significar uma ruptura com o cartesianismo; aquilo que ainda o mantem dentro do âmbito metafísico é justamente a sua incapacidade de apreensão fenomenológica da abertura que abre todas as coisas à existência -, isto é, a linguagem ainda omite a verdade do seer enquanto essência não dos modos do ser do Dasein, e sim enquanto essência da abertura histórica do Dasein que, consigo, abre todas as coisas como fenômenos históricos. Em outras palavras, o *Dasein* ainda é o ente pelo qual os outros entes são compreendidos, tornando, assim, a linguagem de *Ser e tempo* uma linguagem do ente ou metalinguagem. (HEIDEGGER, 1946/2000)

Aqui fica claro que algo como a metalinguagem é a própria maneira metafísica de conceber o mudo e as coisas. E ainda que *Ser e tempo* já signifique uma ruptura, como dissemos anteriormente, precisamos delimitar até onde *Ser e tempo* permanece preso à metalinguagem, o que nos levará à resposta do porque somente após a *Kehre* a verdade do seer é lograda. Nesse sentido, cabe aqui de modo breve analisarmos o cerne de cada linguagem.

Sobre a metalinguagem, sem embargo, Heidegger diz que ela está fincada no cartesianismo, conforme consta nos parágrafos 19-21 de *Ser e tempo*, na medida em que funda uma espécie de sistematização do mundo diante de um sujeito que o torna objeto e pensa o mundo como *res extensa*, isto é, aquilo que como substância pode ser medido: uma linguagem que opera na explicação do ente pelo ente. O problema da metalinguagem seria exatamente o abandono da verdade do seer, uma vez que se esquece a diferença ontológica entre ser e ente, e toda forma de concepção ontológica passa a pensar o ser dentro das constituições do ente: o ser é sempre o ser e um ente - conforme Heidegger insiste em várias de suas obras, textos e conferências. À vista disso, há claras referências a esse abandono e como o ser-aí humano passa a se relacionar com o ser e com o mundo dentro desse legado da metafísica, por exemplo, na conferência *A questão da técnica*, onde o autor de *Ser e tempo* diz que precisamos nos relacionar de modo livre para com a técnica. Ora, trata-se mais de compreender que dentro do âmbito da linguagem metafísica nossa relação com o ser se dá a partir da mecanização, dominação e armazenamento (*Gestell*) dos entes intramundanos

e do próprio ser-aí quando tratado como objeto de pesquisa. E como contramovimento a isso, relacionar-se de modo livre com a técnica seria mais uma restituição do co-pertencimento entre ser e homem, que não mais buscariam o domínio como meio de provocação. Tal liberdade diz mais que agora o homem deixa de ver tudo como produto da sua razão e passa a conviver e deixar que cada fenômeno exista da forma como se dá dentro do mundo e do tempo.

Assim, se retomarmos a pergunta: afinal, por que *Ser e tempo* estaria ainda dentro da linguagem metafísica? Já estaria claro que não se trata de mecanismos de linguagem ou mera normativa linguística-gramatical, mas trata-se de compreender que *Ser e tempo* faria parte de um projeto composto por 3 (três) partes as quais representam um caminho que se inicia no tratado *Ser e tempo* e culminaria na conferência *Tempo e ser*. O giro (*Kehre*) não se daria, no entanto, apenas na inversão dos termos do título da obra *Ser e tempo* para *Tempo e ser*, o giro é pensado como um giro entre a linguagem metafísica (metalinguagem) que ainda se movimenta de modo a encobrir a verdade do seer, para a linguagem do âmbito do acontecimento apropriativo já compreendido dentro do aberto da essência histórica do seer.

Questionar o ser em sua verdade, já aqui, sugere que a viragem da ontologia fundamental para o acontecimento apropriativo estaria clara, no entanto, ainda precisamos compreender o caráter dessa viragem, i. é, a viragem não é uma ruptura entre um Heidegger e outro, ou um completo abandono da parte de Heidegger para as formulações fenomenológicas descritas em *Ser e tempo*. Mas se a viragem não pode ser entendida como nada disso, afinal, o que exatamente significa sair do plano ontológico fundamental (que ainda abriga a metalinguagem) e adentrar no questionamento da verdade do seer? Sobre esse tema, muitos comentadores e filósofos se debruçaram a fim de compreender o que se rompe e o que se mantem entre esses dois momentos de Heidegger – vejamos a seguir alguns exemplos.

Para Àngel Xolocotzi, por exemplo, ao analisar as considerações de interpretes como Carl-Friedrich Gethmann, Hans-Georg Gadamer, Otto Póggeler e Theodore Kisie sobre a viragem, os quais defender três momentos distintos do pensamento heideggeriano, a saber: "[1] as lições anteriores a Ser e tempo [2] a ontologia fundamental, expressada principalmente em [*Ser e tempo*], e [3] o pensar histórico do ser como acontecimento ou pensamento do *Ereignis*, expressado fundamentalmente em *Beitrdge zur Philosophie* (*Vom Ereignis*)." (Xolocotzi, 2005, p. 734, tradução nossa) Dentre esses autores, Xolocotzi (2005) detém-se na análise da proposição de Gadamer (no escrito *Erinnerungen an Heideggers Anfánge* de 1986) que pensa *Ser e tempo* como uma espécie de improvisação, onde Heidegger pretendia estabelecer um tipo de síntese entre a problemática da historicidade de Dilthey e a problemática da ciência da orientação de base transcendental de Husserl.

Nesse sentido, a viragem da ontologia fundamental de *Ser e tempo* para o pensamento do *Ereignis* seria entendido por Gadamer, conforme descreve Xolocotzi (2005), como um retorno (*Rückkehr*) para as lições anteriores a *Ser e tempo*, ou seja: a *Kehre*, nesses termos, seria um retorno (*Rückkehr*) às intenções ou lições primárias de Heidegger. Entretanto, Xolocotzi indaga a proposição de Gadamer ao pensar o nível de determinação que se chegaria ao atribuir tamanha importância

aos primeiros escritos de Heidegger? Como, então, uma discussão desse tipo pode ainda se manter no centro do pensamento de Heidegger em sua totalidade (Esse é o erro que queremos evitar aqui neste artigo)? Assim, Xolocotzi rechaça quaisquer inferências que busquem determinar uma certa ruptura entre as fases de Heidegger, ainda mais uma, como a de Gadamer, que, como exposto, pensa *Ser e tempo* como um improviso ou como um desvio que Heidegger toma em função de sua aderência a Dilthey e a Husserl, mas que, em vista do pensamento histórico, acaba retornando (*Rückkehr*) às suas primeiras lições.

Xolocotzi junta-se, então, a outros intépretes que defendem a unidade do pensamento heideggeriano, ao defender que a viragem não ocorre por meio de um retorno (*Rückkehr*) às suas primeiras lições, isto é, às preleções anteriores a *Ser e tempo*, mas, em última análise, haveria evidências de que as temáticas do pensamento do acontecer histórico (*Ereignis*) seguem não só as indicações das lições inicias de Heidegger, como seguem, também, indicações já presentes em *Ser e tempo*. Isso significa dizer que as preleçoes iniciais e *Ser e tempo* formam um caminho que desembocaria na viragem para o pensamento do acontecimento apropriativo. Para Xolocotzi, o que possibilita a compreensão da unidade do pensamento heideggeriano depende de uma análise *stricto* e *lato sensu* de *Ser e tempo*. De modo *stricto* temos a divisão de *Ser e tempo* como: 1) etapa preparatória da analítica fundamental do *Dasein* e 2) a temporalidade do *Dasein*. De modo *lato*, e é somente a partir deste modo de análise, segundo Xolocotzi, que se pode inferir unidade ao *corpus* heideggeriano, pois, "[...] com o sentido amplo de *Ser e tempo*, referimo-nos ao co-pertencimento transcendental-horizontal entre ser e *Dasein*. (Xolocotzi, 2005, p. 736)

Kahlmeyer-Mertens, no seminário *Hyperapophasis* em 2013, dá-nos apontamentos que não só corroboram com a ideia de unidade defendidas por Casanova e Xolocotzi, como rechaça a "[...] tese de William J. Richardson que propõe haver um segundo Heidegger que (contrapondo-se a um suposto primeiro) teria alterado drasticamente seu horizonte de compreensão e, por conseguinte, os questionamentos no interior deste." (Kahlmeyer-Mertens, 2013, p. 05) Para Kahlmeyer-Mertens, então, não há mudanças e nem abandonos entre *Ser e tempo* e *Tempo e ser*, Heidegger não estaria, assim, extirpando de sua filosofia o ser-aí, pois, como bem disse Casanova, (corroborando com Kahlmeyer-Mertens) com a viragem há uma mudança de ponto de partida, onde não se trata mais da compreensão da dinâmica ek-stática do *Dasein* como base para se compreender o acontecimento do mundo. Mas de modo mais radicalmente fenomenológico, isto é, a viragem põe em questão não apenas aquilo que possibilita os modos de ser do *Dasein*, mas, de forma ainda mais decisiva, pensa o acontecimento daquilo que há de mais autêntico na relação entre o *Dasein* e o mundo: o acontecimento das épocas. Assim, a "[...] diretriz mais fundamental desse reposicionamento é algo que se traduz no intento de colocar, no rol das questões, o acontecimento do aí como a abertura do ente na totalidade, partindo dos componentes ontológicos desse acontecer." (Kahlmeyer-Mertens, 2013, p. 5) Desse modo, seguiremos este debate perguntando e tentando responder qual o caráter da viragem? Como pensar a unidade do pensamento heideggeriano nos auxilia a pensar e compreender a *Kehre*? E, por fim, para onde ela remete a filosofia de Heidegger?

3 A unidade do pensamento heideggeriano e o novo modo de pensar ou novo início a partir da *Kehre*

Citamos anteriormente, na *Carta sobre o humanismo*, a justificativa dada pelo próprio Heidegger para o fracasso de *Ser e tempo*. Ora, como foi visto, Heidegger atribui tal fracasso à insuficiência da linguagem metafísica que impossibilitou o pensamento de alcançar uma expressão adequada para a o sentido do ser em geral ou a verdade do seer. Assim, queremos aprofundarmos ainda mais nessa declaração, para compreender que a viragem requer uma linguagem tal que represente uma unicidade temática entre o Heidegger de *Ser e tempo* e o Heidegger tardio, bem como tal linguagem precisa mover-se dentro de um âmbito que esteja livre da lógica (*logos*) do ente, ou seja, uma linguagem, como sugere Casanova (2002), desantropomorfizada e destituída de toda historiologia. Para tal, é necessário, então, apontar esse âmbito de linguagem como aquilo que Heidegger buscou desde sempre em sua filosofia. Por isso, interessa-nos compreender a viragem como sendo uma contínua progressão do pensamento heideggeriano, de modo a concordar com a ideia de uma unidade entre o Heidegger de *Ser e tempo* e o Heidegger pós-viragem (da verdade do seer). Ideia essa que é corroborada por diversos autores e comentadores de Heidegger, como exemplo, citamos Laurence Hemming que analisa esta unicidade em seu artigo preparatório *Speaking out of Turn: Martin Heidegger and die Kehre* (*Falando de fora de hora: Martin Heidegger e a Kehre*), onde o autor defende que a *Kehre* seja reexaminada em contraponto à interpretação de Karl Löwith e William Richardson, e passe a buscar fundamento na própria compreensão de Heidegger sobre a *Die Kehre*. Para Hemming, Heidegger deixa claro no prefácio redigido à obra de Richardson *Through Phenomenology to Thought* que a ideia de um Heidegger I e II não implica necessariamente em uma reversão de seu percurso filosófico, ainda que um possibilite o outro.

Hemming defende a *Kehre* como um termo que indica o desenvolvimento do pensamento heideggeriano como unidade de pensamento, não como fratura. Dessa forma, como maneira de pensar o *corpus* heideggeriano em unidade, Hemming diz que, "[...] longe de confirmar a visão de Richardson [...] Heidegger procurou indicar com referência suas próprias obras que a *Kehre* é um movimento em pensamento que fazia parte de *Ser e tempo*." (Hemming, 1998, p. 01) À vista disso, Hemming afirma que existem duas formas de se compreender Heidegger, e ambas tomam a *Kehre* como ponto de partida. A primeira forma (à qual queremos rechaçar) considera a *Kehre* mais como uma reversão do pensamento heideggeriano e está alinhada à interpretação de Richardson sobre os dois "Heideggers", de modo a desconsiderar as interpretações que o próprio autor de *Ser e tempo* pensa sobre a *Kehre*, e esta é a segunda forma de interpretar a *Kehre*, ou seja, se alinhar ao que o próprio Heidegger diz sobre ela.

Nessa perspectiva, segundo Hemming, pensar a *Kehre* como resultado do desenvolvimento uníssono do pensamento heideggeriano é considerá-la à maneira que o próprio Heidegger a definiu, isto é, uma nova forma de pensar o sentido do ser em geral, ou melhor, uma nova linguagem que possui em seu núcleo as mudanças que privilegiam o "[...] ser sobre o *Dasein*, a verdade [como

essência da αλεθεια] sobre o tempo, a linguagem sobre a verdade, o tempo sobre os seres, para citar apenas alguns. [Em outras palavras] nós 'nos transformamos' do 'significado' do ser na 'verdade' do ser." (Hemming, 1998, p. 03) Assim, para Hemming, dividir o pensamento de Heidegger em duas ou várias partes, como se o filósofo retomasse e abandonasse temas (principalmente de *Ser e* tempo) durante sua jornada, ocasionou, em última análise, confusões interpretativas, tais como a de Karl Löwith, que pensou a virada como retorno de Heidegger às questões anteriores a *Ser e tempo*, retorno que se configuraria como uma traição da parte de Heidegger em relação à facticidade do *Dasein* ao pensar a *Kehre* como uma virada da temporalidade finita do *Dasein* para uma origem que permanece (Idem). Por fim, temos a interpretação de Otto Pögeller que não pensou em uma volta, mas em várias voltas.

Já para Schnell (2017), o "giro" que ocorre no pensamento de Heidegger estaria mais para uma mudança de um começo para outro começo. Ele diz que o primeiro começo se deu no âmbito da linguagem metafísica e o segundo começo seria determinado pela *Kehre*, ou seja, um outro começo que seria marcado por uma forma adequada de linguagem, conforme segue:

> O novo estilo de pensar não consiste mais em tratar de algo, de falar sobre um objeto, mas em criar a identidade de Denken [pensar] e Sprachen [ideioma] de pensar e sua expressão ou ser falado. Em outras palavras, o fato de fazer a Grundfrage (a questão fundamental) agora – a questão do ser, propriamente falando (ou da verdade de Seyn), mais precisamente, a questão de saber como Seyn se desdobra em sua essência (Heidegger 1989, GA 65, 387) – e não apenas a Leitfrage (a questão norteadora), ou a do Ser do ser (ou do Seyn da verdade) – requer um estilo que apresente o conteúdo de forma adequada forma. (Schnell, 2017, p. 10, tradução nossa)

Esta interpretação condiz com o proposito deste artigo, já que pensar a unidade entre as fases (*early* e *late*) de Heidegger e compreender que o acento que o próprio Heidegger dá na *Carta ao humanismo* de que a problemática que envolve o "fracasso" de *Ser e tempo* se deu pela insuficiência da linguagem metafísica, de modo a afastar quaisquer influências interpretativas que foquem em sentidos fragmentários ou em supostas fraturas interpretativas do pensamento heideggeriano, as quais induzem a pensar em um Heidegger que se corrige ou que recua às questões anteriores a *Ser e tempo* por pura e simples inconsistência hermenêutica.

Nesses termos, pretendemos apontar como a *Kehre* pode ser pensada enquanto uma restituição do pensamento humano sobre o ser, de modo a significar um retorno do pensamento humano ao seu âmbito original de abertura, implicando o homem como aquele que ouve o ser e, impelido por ele, compreende-se para além das suas determinações dinâmicas existenciais que envolvem sua finitude e facticidade, fazendo-o, então, a se perceber como o único ente aberto para sua condição de guarda do ser. Dessa forma, compreende-se que a linguagem que daí irrompe é o lugar onde o ser habita, i. é, sua casa.

Doutra forma, a *Kehre* não seria exatamente um "giro" aleatório ou uma palavra-chave que representaria um conceito que determina, por exemplo, os existências do homem, tal qual os

conceitos de ser-com, ser-para-a-morte, a temporalidade ou a historicidade presentes em *Ser e tempo*, ou que represente uma mudança ou abandono de um ponto para outro ponto (Risser, 1999). Nesse sentido, então, caminharemos de forma a implicar a viragem a um novo pensar necessário para se debater o homem, o ser e o tempo a partir daquilo que a eles são mais próprios, ou seja, buscarmos expor a *Kehre* como uma viragem que se apoia em um novo começo do pensar que pode ser expressado a partir de uma linguagem livre da entilização metafísica pela qual *Ser e tempo* fracassou, linguagem essa que possibilitaria a expressão e compreensão de uma temporalidade e historicidade tal que implique a própria abertura (essência) de presentificação do ente em sua totalidade (coisa que *Ser e tempo* não pôde atingir).

Na *Carta sobre o humanismo*, Heidegger estabelece uma oposição clara entre a tecnicidade do pensar e o compromisso do pensar voltado para a história do ser, assim, ele diz: *penser*, *c'est L'engagement de l'Être* (pensar, é o compromisso do ser). Isso implica dizer que a tarefa de um novo pensar passaria essencialmente por "[l]iberar a linguagem da gramática para ganhar uma ordem essencial e mais originária [...]". (Heidegger, 1946/2000, p. 12) Heidegger analisa a tecnicidade do pensar ou o aterramento da essência da verdade como *Alethéia* apontando Aristóteles e Platão como seus principais responsáveis (Heidegger, 1937/2017), período pelo qual o pensamento se manteve como uma teoria (θεωρεα), bem como a própria filosofia passou a buscar validade científica para se justificar. Assim, "[...] na interpretação técnica do pensar abandona-se o ser como elemento do pensar." (Heidegger, 1946/2000, p. 13-14, tradução nossa)

O abandono do ser provoca uma espécie de entilização do pensamento. Ora, tal abandono significa, nesses termos, perder de vista a compreensão da essência própria do pensar, isso implica dizer que o pensamento voltado para o ente desvirtua o pensar humano daquilo que lhe é próprio, i. é, do ser. Nesses termos, segundo Heidegger, "[o] pensar é do ser na medida em que o pensar, apropriado e manifestado pelo ser, pertence ao ser." (Heidegger, 1946/2000, p. 13-14, tradução nossa) Dessa forma, o pensar é arrebatado pela tecnicidade do "técnico" que possui como vetor a teorização das manifestações do ser través da linguagem. Aqui o esquecimento do ser significa a proeminência historiológica (*logos*) do ente em detrimento do ser e de todo acontecimento histórico que impulsiona o pensar ao *porvir*, isto é, uma compreensão velada da essência da verdade enquanto âmbito de aberturo do entre (Heidegger, 1937/2017). Esse distanciamento da essência do ser também representa uma tecnificação da relação entre homem e o ser, que passa de uma relação originária (o início do pensar) para uma relação mediada pela calculabilidade e mensurabilidade da técnica moderna (fim do primeiro início). De um modo simples, pode-se dizer que a metafisica desvirtuou o pensamento humano retirando-lhe aquilo que lhe é mais próprio (o ser) para conduzi-lo e afundá-lo no âmbito do dizer (o *logos*) do ente. Daí surgem linguagens onto(lógicas) que expressam partes particulares (verdades particulares) da constituição do ente em sua totalidade (tais como física, matemática, ética, filosofia, etc.), obscurecendo, a cada forma metafísica de expressão (a cada teorização da existência ou a cada metalinguagem), a verdade do seer enquanto elemento originário do pensamento humano.

Desse modo, a partir do âmbito técnico, toda forma de expressão estaria a serviço do dizer (isto é, o logos) do ente, cada ciência, cada "ismo", cada teoria estaria amplamente enraizada, metafisicamente, na subjetividade enquanto teorização/objetificação da existência; significando, assim - cada vez mais -, um extravio da essência da linguagem enquanto casa do ser. (Heidegger, 1946/2000, p. 19) Pois, a linguagem nunca "[...] é principalmente a expressão do pensamento, do sentimento e do querer. A linguagem é a dimensão primordial dentro da qual a essência do homem é capaz de corresponder pela primeira vez ao Ser e sua reivindicação e, ao corresponder, pertencer ao Ser. (Heidegger, 1959/2003, p. 41) Nesse sentido, o esquecimento da essência do pensamento que perde o ser de vista é uma herança que a metafísica relega à história do *Dasein* (Beierwaltes, 1995) e, subsequentemente, aos seus modos de fenomenologização, bem como Heidegger diz:

> Todo humanismo se baseia em uma metafísica, exceto quando se converte ele mesmo no fundamento de tal metafísica. Toda determinação da essência do homem, que, sabendo-o ou não, pressupõe a interpretação do ente sem levantar a pergunta pela verdade do ser é metafísica. (Heidegger, 1946/2000, p. 23-24, tradução nossa)

O que está em jogo nesta definição de Heidegger sobre a metafísica, conforme podemos perceber, é justamente a forma de fenomenologização dos fenômenos históricos e ontológicos dentro do âmbito metafísico, que, como exposto, trata-se de uma tecnificação ou entilização do pensamento, ou de uma determinação subjetiva da essência do homem que nunca alcança a essência da verdade do seer, enquanto busca as determinações apenas do ente enquanto tal. Em outras palavras: seja qual for a forma ou categoria pela qual a metafísica tenta implicar a razão ou a essência do homem, ela sempre o faz assentada em uma compreensão mediana do seu ser e do ser em geral (conforme Heidegger também descreve no § 2 – *Estrutura formal da questão do ser*, de *Ser e tempo*) Mas para além de qualquer determinação mediana/subjetiva sobre o que o homem é, "[...] toda apreensão do ente em seu ser, [isto é] o próprio ser sempre já está esclarecido como aquilo que acontece em sua verdade." (Heidegger, 1946/2000, p. 26)

A verdade do seer é a questão decisiva para uma compreensão da *Kehre*, e não apenas isso, a questão da verdade deve ser a principal diferenciação entre a linguagem metafísica e a linguagem do novo início do pensar. Tal inicio, conforme Heidegger deixa claro em As questões fundamentais da metafísica, trata-se da passagem do âmbito da metafísca que pensa a relação ser e ente a partir da causalidade, para o âmbito da linguagem que se abre a partir da verdade do seer. A partir deste ponto, é impossível desassociar a Kehre da verdade do seer, uma vez que toda discussão até aqui, caminhou de modo a estabelecer que o giro gira de uma não-verdade para à própria essência da verdade. Isto é, a viragem em si implica as duas linguagem, na medida que para uma viger outra deve ocultar-se. Em suma, um novo início para o pensamento só é possível diante dessa passagem de uma linguagem para a outra, o que nos diz que ainda que a Kehre (viragem) não seja o próprio inicio do novo modo de pensar a verdade do seer, é ela que possíbilita-o.

Isso possibilita-nos a pensar a *Kehre* como uma viragem da verdade metafísica para a essência da verdade enquanto *Alethéia*. Para se compreender essa questão, primeiramente, é necessário esclarecer que uma nova linguagem não significa uma nova gramática, o que está sendo gestado por Heidegger a partir da *Kehre* pode ser entendido mais como um novo âmbito (um novo início) de questionamento do ser (ou um novo modo de provocação entre ser e homem, um modo não mais sustentado pela objetificação do mundo), do que um âmbito de normas gramaticais. Podemos, em certa medida, pensar a linguagem do seer como um âmbito que se desenvolve "[...] não mais seguindo a linha do pensamento sobre a origem oculta de seu destino, mas, tendo se libertado dela, deste lado da modernidade, primeiro buscando os começos óbvios não da metafísica, mas da filosofia na σοφεα." (Boeder, 2005, p. 453, tradução nossa)

Nesse sentido, a linguagem do seer se estabelece (ao menos é o que pretendemos demonstrar aqui) a partir da compreensão fenomenológica da verdade como desvelamento (essência da *Alethéia*) do seer, conforme Heidegger deixa claro em vários escritos dos anos 1950. Aqui uma característica importante da viragem se apresenta, pois, Heidegger desenvolve sua compreensão de verdade a partir de um movimento que dialoga com o pensamento dos antigos pensadores, assim, entendendo que o ser se deu por épocas a partir de diferentes modos de interpretação (Nunes, 2017).

Em outras palavras: a partir da compreensão de verdade como desvelamento (*Alethéia*), Heidegger vai se opor a ideia metafísica de verdade como concordância da inteligência do sujeito à coisa, e, com isso, lograr uma compreensão fenomenológica da essência da verdade que faria parte da linguagem do seer como um âmbito de verdade mais originário que a verdade do âmbito metafísico. Isso significa dizer que o próprio seer pode ser compreendido em sua verdade sem o apoio da lógica do dizer do ente, e, mais importante, o âmbito em questão é o âmbito da essência da própria verdade que provém do conceito grego de *Alethéia*, ou seja, a linguagem que defendemos aqui atinge, segundo Heidegger, um âmbito mais originário e seria capaz de radicalizar a questão da *Alethéia* a uma verdade de abertura mais essencial ao ponto de expressar a essência do presentificar/desvelar do ente no horizonte do tempo e do ser como co-pertença (relação livre), não mais como entes que regulam (dominam) outros entes.

Em *As questões fundamentais da filosofia* (*Grundfragen der Philosophie. Ausgewählte "Probleme" der "Logik*), Heidegger esboça provisoriamente alguns aspectos da linguagem do seer, concentrando-se em estabelecer um contraste que envolve a questão da verdade e sua essência no âmbito metafísico e a questão da essência da verdade como novo início do pensar, onde a principal característica da linguagem do seer se dá a partir de uma mudança inicialmente terminológica que inverte a expressão "verdade da essência" para a "essência da verdade", a qual desemboca, consequentemente, na verdade do seer. O que estaria em jogo nesta inversão, não seria apenas pontualidades gramaticais; mas, em suma, uma mudança de postura diante da verdade metafísica, a fim de se pensar a sua essência e, destruindo-a, adentrar na essência da verdade enquanto desvelamento (*Alethéia*), bem como Heidegger diz:

> Questionamos a questão da verdade, isto é, questionamos acerca da essência do verdadeiro. Não buscamos "verdades" particulares, mas a essência da verdade. [...] A questão da verdade – colocada como uma questão fundamental – se volta em si mesma contra si mesma. Essa viragem com a qual nos deparamos aqui é o sinal do fato de que chegamos à esfera de um questionamento filosófico autêntico. [Ou seja] se todo pensamento filosófico precisa se movimentar tanto mais incontornavelmente nessa viragem quanto mais originalmente ele pensa, isto é, quanto mais ele se aproxima daquilo que é de início e sempre pensado e atentado na filosofia, então a viragem precisa pertencer essencialmente àquilo apenas sobre o que a filosofia medita (o seer como acontecimento apropriativo). (Heidegger, 1937/2017, p. 63-64)

A partir dessa passagem é possível vislumbrar importantes aspectos da linguagem do seer resultante da *Kehre*, e pensar na liberdade advinda a partir dela. Ora, uma nova linguagem que não pense mais o ser e o mundo dentro da dinâmica de domínio seria, afinal, uma linguagem que consegue enxergar o próprio Dasein em sua essência histórica mais própria e livre de preconcepções? É o que veremos no debate a seguir.

Para responder esta pergunta, chamamos a atenção para aquilo que Heidegger nomeia como a esfera de um questionar filosófico autêntico, o qual deve nortear todo questionamento filosófico sobre o seer. Nesse sentido, outro aspecto decisivo sobre a *Kehre* aparece, pois, Heidegger aponta o questionar filosófico autêntico como aquele que direcionado e retificado pela *Kehre*, questiona, assim, "o seer enquanto acontecimento apropriativo". Essa colocação implica na compreensão da distinção daquilo que é, para Heidegger, historiológico e histórico, ou história como objeto e história como meditação. (Heidegger, 1937/2017) Isso indica, também, que o âmbito da linguagem metafísica dentro da historiografia entiliza o seu próprio objeto de estudo, tornando o passado um ente a fim de demarcá-lo.

Sobre estes dois conceitos, Heidegger diz que "[o] historiológico significa, [...] o que passou [e que toda] consideração historiológica transforma o que passou enquanto tal em objeto. Mesmo lá onde se apresenta a "historiologia" do presente, o presente já precisa ter passado." (Heidegger, 1937/2017, p. 55) Aqui temos uma clara referência a objetificação ou tecnização que a linguagem metafísica promove ao pensamento humano, ora, pois, distante do que a *Kehre* busca alçar, isto é, o seer enquanto acontecimento (conforme veremos a seguir), a historiologia resume-se a uma busca por conhecimento dos fatos passados tornando-os como entes, ou seja, a historiologia age de acordo com o dizer do ente, isto é, ela é parte constituinte do *logos* que determina o ente enquanto tal.

Em contrapartida, o histórico, para Heidegger, "[...] não visa ao modo da apreensão e da sondagem, mas ao próprio *acontecimento*. O histórico não é o que passou, nem tampouco o atual, mas o *porvir* [...]" (Heidegger, 1937/2017, p. 55) Ora, sobre essa distinção está assentada toda forma de pensar a história do ser como história da verdade do seer enquanto movimento pertencente ao acontecimento apropriativo, ou seja, entender o impulsionar histórico do homem é o mesmo que entender a articulação temporal do passado como ter-sido, presente como momento da decisão

e o futuro como *porvir*, articulação tal que move todo acontecimento humano. Isso significa compreender que o passado não é um objeto que ficou para trás, podendo ser entendido, então, como a possibilidade de diálogo com aquilo que sempre se deu de forma velada, "[...] mas que [continuam] sendo essenciante e que [insistem] na liberação de sua força efetiva." (Heidegger, 1937/2017, p. 55)

Trata-se de entender a dinâmica temporal essenciante que possibilita alguma coisa (qualquer coisa) vir-a-ser, à qual move-se de forma quadridimensional implicando o ter-sido (dimensão do passado), ao presente da decisão (dimensão do presente) e ao porvir (dimensão futura), em uma dar-se mútuo (quarta dimensão onde os tempos alcançam-se ao mesmo tempo abrindo o Dasein à verdade histórica do seer) que, ao mesmo tempo que se correlacionam, possibilitam todo acontecimento histórico.

Isto é, só é possível compreender o seer enquanto acontecimento apropriativo a partir de um diálogo retroativo com o passado para libertá-lo de toda apreensão historiológica e, assim, compreendê-lo não como um objeto do passado já lá fixado e imóvel; mas, ao contrário, esse retroagir, que Heidegger vai mais à frente - na conferência *Identidade e Diferença* (preleção *A constituição onto-teológica da metafísica*) - chamar de "passo de volta", é a própria possibilidade de adentrar na essência do primeiro início (pensamento metafísico) para, a partir dela, meditar sobre a verdade do seer (novo início do pensamento) libertando o Dasein de toda rigidez historiológica-temporal que fragmenta e isola os tempos ek-státicos; para abrir a sua compreensão de si e dos demais entes mundanos dentro do âmbito quadridimensional do *Ereignis*.

Doutro modo, o questionamento autêntico (o questionar que considera o tempo mútuo em sua quadridimensionalidade) só é possível se intermediado pelo mesmo pensamento que se deu no início (o pensamento dos gregos) e que ainda mobiliza o presente em vista do *porvir*. Ou como Heidegger diz: "[...] o histórico se atém ao que se encontra para além de tudo o que é historiológico, tanto na direção do porvir quanto com vista ao ter-sido e, com maior razão ainda, ao atual." (Heidegger, 1937/2017, p. 58)

Histórico é aquilo que acontece, não aquilo que se fixou no passado. Histórico é supra-historiológico, ainda que não seja supratemporal. Nesse prisma, o historiológico só pode tocar naquilo que passou, ou seja, não pode tocar no tempo, sendo ele, por esse motivo, supratemporal ou sem tempo. (Heidegger, 1937/2017, p. 58) Assim, a anteriormente mencionada dinâmica quadridimensional que articula o ter-sido, o momento da decisão (o momento atual) e o porvir, não é possível no âmbito historiológico, pois, sua condição supratemporal é assentada em sua distância para com a essência da verdade, ou aquilo que Heidegger chama de esquecimento do ser promovido pela linguagem metafisica. (Beierwaltes, 1995) O histórico, por sua vez, constitui-se a partir do elemento temporal propriamente dito, que Heidegger descreve como uma mútua provocação (extensão e tensão) entre o ter-sido e o porvir, nesses termos, "[...] a extensão e a tensão, que despertam, estimulam, mas, ao mesmo tempo, guardam e poupam, a extensão e tensão do porvir para o interior do ter-sido e do ter-sido para o interior do porvir." (Heidegger, 1937/2017, p.

58) No presente o presentar do seer ou o seu acontecimento se dá pela mútua provocação entre o porvir e o ter-sido, entre o habitual e o inabitual, entre a extensão e o elemento conservador. Essa dinâmica nada mais é do que o movimento que põe sempre adiante o próprio movimento histórico do tempo enquanto recorte temporal, ou uma época, ou seja, o presente "[...] emerge da luta do porvir o ter-sido." (Heidegger, 1937/2017, p. 58)

O que está em jogo aqui é a relação genuinamente histórica-temporal do acontecer humano, que só pode ser compreendido supra-historiologicamente. A questão que irrompe, então, é: em que medida a meditação filosófica retorna para algo supra-historiológico? Ou histórico propriamente dito? Primeiramente, temos a compreensão de que o diálogo de Heidegger só pode alçar a história do seer se compreendê-lo enquanto um acontecimento, ou em um âmbito tal que apreenda o tempo não como um objeto, ou seja, o seer pensado como acontecimento só pode ser compreendido se nos termos da *Kehre* e de uma temporalidade *koirologische,* que, em Heidegger, pode ser considerada como um momento de "[...] decisão e experiência da própria finitude [...]" (Rungelrath, 2022, p. 63, tradução nossa) entendida também como a concepção do tempo que corresponde à "[...] experiência autêntica da história, que pode aparecer como a 'libertação do homem' a partir da concepção do tempo na cronologia." (Rungelrath, 2022, p. 63, tradução nossa).

Dentro dessa compreensão de história, está posto em jogo o acontecer do seer a partir de sua verdade enquanto essência da verdade. A história do seer, nesse aspecto, é a história que dentro da dinâmica quadridimensional da temporalidade primordial (história enquanto acontecimento) torna possível o desvelar das coisas no presente. Essa é a verdade do seer, sua história enquanto acontecimento apropriativo, tempo e seer se dão no homem como unidade temporal que o alcançam em um reciproco-alcançar-se do passado, do presente e do futuro (Heidegger, 1962/1999, p. 260), ou seja, "[...] o porvir é a origem da história." (Heidegger, 1937/2017, p. 55)

Liberdade, nesse sentido, é a compreensão da essência do tempo ou de sua unidade como algo não entitativo (Heidegger, 1962/1999, p. 260). Aqui é vedada a compreensão cronológica do tempo como objeto de modo a concebê-lo simultaneamente como passado que ficou par traz e lá fixou-se historiologicamente; presente como a unidade desconexa do acontecer; e futuro como planejamento ou espera de ocorrências. Ao contrário, cada um desses elementos temporais alcança-se ao mesmo tempo, isto é, reciprocamente. (Heidegger, 1962/1999, p. 260) Daí a compreensão de "história" como dois pontos no tempo é superada e, agora, Heidegger nomeia o que é primordialmente histórico como espaço-tempo, que por sua vez também é abertura mútua do passado, presente e futuro que ilumina o "dar-se" do seer, isto é: o tempo histórico é quadridimensional: o tempo é a abertura pela qual o presentar do seer acontece, ou, "a clareira do aberto". (Heidegger, 1962/1999, p. 261) O homem habita na clareira, no aberto, sua temporalização é a própria possibilidade da compreensão da abertura de mundos. O tempo-espaço que no homem acontecem como um mútuo alcançar-se, é, em outras palavras, uma abertura pela qual "[...] o homem assume a si mesmo como ser-aí e conquista, através disto, o seu lugar junto aos envios do seer." (Casanova, 2002, p. 332)

A linguagem que aqui se quer expor, nada mais é do que o âmbito de compreensão do seer enquanto acontecimento ou história que possui sua origem no caráter quadridimensional e temporal que se dá ao homem através de sua linguagem, isto é, do abrigar do seer. Nesse sentido, dizer e compreender que o homem habita na clareira é dizer e compreender seu estado de ser-aí que impelido pelo ser, presentifica-se como âmbito pelo qual o seer acontece, ou seja, de modo temporal. Isso nos mostra e esclarece que a viragem pela qual Heidegger enveredou suas indagações filosóficas possuía como principal obstáculo a lógica do ente, ou cronologia habitual que, em sua temporalidade inautêntica, torna tudo em objeto, o que quer dizer que no âmbito da linguagem metafísica só era possível dizer e mencionar o seer por via do ente. Assim, é plausível inferir que outro obstáculo de *Ser e tempo* era justamento usar o "ente" *Dasein* como aquele "ente" digno pelo qual o ser deveria ser questionado.

Ora, o que torna uma linguagem habitual uma linguagem inabitual? Ou seja: se o que sempre esteve em jogo com a *Kehre* foi alcançar um âmbito de linguagem desconexa da linguagem metafísica, como, a partir disso, garantir que uma tal viragem não implique uma nova gramatica, de modo a também não significar nova língua? Por fim, se a viragem pode significar uma passagem da linguagem do ente para a linguagem do seer, como garantir isso sem de fato elaborar ou criar uma nova linguagem em termos gramaticais? Na verdade, a resposta a essas indagações consome em si todo o esforço deste artigo, pois, é somente abrindo o debate para a compreensão da temporalização quadridimensional do homem, entendido anteriormente como abertura do acontecimento do seer, que se efetua um "giro" do dizer do ente para o dizer do seer.

Considerações finais

A análise desenvolvida permite compreender a *Kehre* como um movimento de transformação interna do pensamento heideggeriano, e não como uma ruptura absoluta entre dois filósofos distintos. Embora *Ser e tempo* não tenha alcançado a elaboração completa da questão do sentido do ser, sua insuficiência não invalida o projeto da ontologia fundamental. Ao contrário, o chamado "fracasso" revela o limite de uma linguagem ainda vinculada à metafísica e indica a necessidade de um deslocamento em direção a uma linguagem capaz de pensar a verdade do seer em sua dimensão histórica e acontecimental.

Nesse sentido, a viragem não deve ser reduzida à simples inversão entre os títulos *Ser e tempo* e *Tempo e ser*. Ela designa uma mudança mais profunda no modo de questionar. Em *Ser e tempo*, o *Dasein* aparece como o ente privilegiado pelo qual a questão do ser pode ser formulada. Após a *Kehre*, contudo, o ponto de partida desloca-se para o próprio acontecimento de abertura no qual ser, homem, tempo e mundo se co-pertencem. O homem não deixa de possuir importância, mas já não é compreendido como fundamento subjetivo da manifestação dos entes. Ele passa a ser pensado como aquele que pertence à clareira e que, nela, guarda e responde ao apelo do ser.

A unidade do pensamento heideggeriano manifesta-se precisamente nessa continuidade

temática. As análises da existência, da temporalidade, da historicidade e da abertura presentes em *Ser e tempo* não são simplesmente abandonadas; elas são reinterpretadas a partir de uma perspectiva mais radical. O que muda é o modo de acesso à questão. A viragem desloca a ênfase da dinâmica existencial do *Dasein* para o acontecimento histórico do ser, permitindo pensar o surgimento dos mundos, das épocas e dos modos de desvelamento.

A oposição entre linguagem metafísica e linguagem do seer também se mostrou decisiva. A primeira tende a entificar o ser, submetendo-o à representação, à causalidade, à mensuração e à disponibilidade técnica. A segunda procura libertar o pensamento dessa determinação, compreendendo a verdade como *alétheia*, isto é, como desvelamento que inclui necessariamente o velamento. Assim, o pensamento deixa de buscar apenas verdades particulares sobre os entes e passa a interrogar a essência da verdade, perguntando pelas condições históricas que permitem a manifestação de qualquer ente.

A temporalidade ocupa, nesse processo, uma posição fundamental. O histórico não é simplesmente aquilo que passou nem o conjunto objetivo de fatos registrados pela historiografia. Ele é o acontecimento que articula ter-sido, presente e porvir em uma unidade dinâmica. O passado permanece atuante, o presente constitui o momento da decisão e o futuro orienta a abertura de novas possibilidades. Essa temporalidade não pode ser compreendida como sequência cronológica, pois constitui o próprio espaço-tempo em que o ser se desvela.

Entende-se, portanto, que a *Kehre* representa um novo início do pensar: não uma nova língua, mas uma transformação do âmbito no qual linguagem, ser e homem podem ser compreendidos. Sua tarefa consiste em superar a objetificação metafísica sem abandonar a fenomenologia, restituindo ao pensamento sua pertença originária ao ser. A viragem é, assim, a passagem de uma linguagem centrada no ente para uma linguagem capaz de acolher o acontecimento histórico da verdade do seer.

Referências

Beierwaltes, W. (1995). *Heideggers Rückgang zu den Griechen: vorgetragen in der Gesamtsitzung am 18. Februar 1994. Bayerische Akademie der Wissenschaften. Philosophisch-historische Klasse. Besprechungsberichte. Band 1998, Heft 1*.

Boeder, H. (2005). *Das Bewegende des heideggerschen Gedankens. Pontificia Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. (p. 451-460)*

Casanova, M. (2002). *A linguagem do acontecimento apropriativo. Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise, 4(2), 315-339*. https://doi.org/10.59539/2175-2834-v4n2-719

Casanova, M. A. (2009). HEIDEGGER, Compreender. Petrópolis. Vozes.

Flatscher, M. (2021). *Die hermeneutische Wende zur Sprache. In Das Vorprädikative. Verlag Karl Alber. (pp. 95-120).* https://doi.org/10.5771/9783495823965-95

Pasqualin, C. (2012). *Martin Heidegger, Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst. Universa. Recensioni di filosofia, p. 1-5.*

Heidegger, M. (1959/2003). *A caminho da linguagem. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 229 p.*

Heidegger, M. (1937/2017). *As questões fundamentais da filosofia: ("problemas" seletos da "lógica"). Tradução de M. A. Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.*

Heidegger, M. (1962/1996). *Tempo e ser. In M. Heidegger, Heidegger: conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural.*

Heidegger, M. (1977). *The question concerning technology. New York, 214, 2013.*

Heidegger, M. (1927/2015). *Ser e Tempo. Tradução e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed - Petrópolis. Editora Vozes.*

Heidegger, M. (1946/2000). *Carta sobre el humanismo. GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. Madrid: Alianza Editorial.*

Heidegger, M. (1943/1996). *Sobre a essência da verdade. In M. Heidegger, Heidegger: conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural.*

Hemming, L. P. *Speaking out of turn: Martin Heidegger and die Kehre. International Journal of Philosophical Studies, v. 6, n. 3, p. 393-423, 1998*. https://doi.org/10.1080/096725598342046

Kahlmeyer-Mertens, R. S. (2013). *Do conceito de "diferença ontológica" no Heidegger pós-viragem.*

KAHLMEYER-MERTENS, R. S. 10 lições sobre Heidegger. Editora Vozes Limitada, 2016.

Xolocotzi, Á. (2005). *Fundamento, esencia y Ereignis. En torno a la unidad del camino del pensar de Martin Heidegger. Éndoxa, n. 20, p. 733-744*. https://doi.org/10.5944/endoxa.20.2005.5149

Wrathall, M. A. (2005). *A companion to Heidegger*. Blackwell publishing. https://doi.org/10.1002/9780470996492.ch21

Rungelrath, H. (2022). *Das Messianische: Zum Gebrauch eines Begriffs im Werk von Giorgio Agamben (p. 352). transcript Verlag*. https://doi.org/10.1515/9783839464083PMid:35389241 PMCid:PMC9045089

Risser, J. (Ed.). (1999). *Heidegger Toward the Turn: Essays on the Work of the 1930s. Suny Press.*

Schnell, A. X. (2017). *Ereignis et Da-sein dans les Beiträge zur Philosophie. In: Lire les Beiträge zur Philosophie de Heidegger. Hermann. p. 159-178*. https://doi.org/10.3917/herm.cohen.2017.02.0159